

Um centro de cultura

Algo como o Beaubourg de Brasília. Assim se referiu ao Museu de Arte Contemporânea do Brasil o arquiteto Oscar Niemeyer, em carta endereçada ao subsecretário-geral da Presidência da República, Oto Agripino Maia. Niemeyer lembrava o Centro George Pompidour, o museu de arte moderna de Paris. Sua idéia é mesmo esta para o museu brasileiro, a de um grande centro cultural, ponto de encontro para intelectuais, jovens estudantes, pessoas que simplesmente gostam de arte.

Por arte contemporânea do Brasil os organizadores do museu compreendem a melhor arte representativa das últimas quatro décadas, isto é, 1940, 1950, 1960 e 1980 — “O tempo de vida de Brasília”, acrescenta Oto Maia. Isto sem esquecer “os artistas brasileiros que ainda estão

criando”. Se o período contemporâneo é delimitado “às décadas de Brasília”, a arte a ser exposta no museu terá poucas restrições do ponto de vista de sua representação. A idéia é levar para lá não somente a arte considerada erudita, produzida nas cidades, pinturas e esculturas, mas também obras de arte popular e indígena.

O conceito de museu ganha elasticidade à medida que também pretende alojar uma seção de audiovisual — no pequeno auditório central de 50 cadeiras, com cabine de projeção — uma biblioteca e um banco de dados. Sem contar a lanchonete no pátio interno. Niemeyer doou o projeto de um anexo para abrigar exposições de arte temporárias e oficinas.

“Acoplado ao museu temos um projeto cultural”, ressalta Oto Maia. “Pretendemos formar público”, diz, antevendo a possibilidade de o museu receber a visita de escolares interessados em aprender algo sobre a arte contemporânea brasileira. Mas não teme que o local cause algum desconforto ao Museu de Arte de Brasília (MAB): “A cidade receberia bem isso”.